



Gênero oral e argumentação: uma análise do livro didático 'Se Liga na Língua' no ensino médio integrado

Oral genre and argumentation: An analysis of the textbook 'Se Liga na Língua' in integrated high school

Género oral y argumentación: Un análisis del libro de texto 'Se Liga na Língua' en la educación secundaria integrada

Paloma Aparecida de Matos Tavares¹

Mestranda do Programa de Pós-graduação Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, IFTO, Palmas/TO, Brasil

Rivadavia Porto Cavalcante²

Doutor em Linguística, docente do Programa de Pós-graduação Educação Profissional e Tecnológica ProfEPT, IFTO, Palmas/TO, Brasil

Recebido em: 18/03/24

Aceito em: 23/07/24

Resumo

O estudo examina a construção da capacidade argumentativa através do gênero oral, destacando a importância dessa modalidade para a comunicação e expressão dos discentes para a vida social e atuação no mundo do trabalho. Sem desvalorizar os gêneros escritos, a pesquisa buscou ressaltar a relevância dos gêneros orais no processo de ensino e aprendizagem da linguagem. Utilizou-se o livro didático (LD) "Se Liga na Língua" adotado pelo Instituto Federal do Tocantins como referência e por meio de entrevista com um professor de Língua portuguesa, avaliou-se a transposição didática desse livro nas declarações do docente sobre os conteúdos abordados na aplicação em sala de aula. Os resultados da análise indicam a necessidade de reformulação do LD, especialmente no que concerne à produção textual oral, evidenciando uma lacuna no foco em práticas de letramento oral argumentativo. Observou-se que, apesar das limitações do material didático, o professor realiza atividades que incentivam a oralidade e a argumentação. Enfim, o livro didático precisa ser revisado.

Palavras-chave: Educação profissional técnica e tecnológica. Gênero oral. Argumentação.

Abstract

The study examines the construction of argumentative capacity through the oral genre, highlighting the importance of this modality for students' communication and expression in social life and the workforce. Without devaluing written genres, the research aimed to emphasize the relevance of oral genres in the language

¹ paloma.tavares@estudante.ifto.edu.br

² riva@ifto.edu.br

teaching and learning process. The textbook "Se Liga na Língua", adopted by the Federal Institute of Tocantins, was used as a reference, and through an interview with a Portuguese language teacher, the pedagogical implementation of this book was evaluated based on the teacher's statements about the content addressed in classroom application. The results of the analysis indicate the need to reformulate the textbook, especially regarding oral text production, revealing a gap in focus on argumentative oral literacy practices. It was observed that, despite the limitations of the didactic material, the teacher conducts activities that promote oral communication and argumentation. In conclusion, the textbook needs to be revised.

Keywords: Technical and technological vocational education. Oral genre. Argumentation

Resumen

El estudio examina la construcción de la capacidad argumentativa a través del género oral, destacando la importancia de esta modalidad para la comunicación y expresión de los estudiantes en la vida social y en el mundo laboral. Sin desvalorizar los géneros escritos, la investigación buscó resaltar la relevancia de los géneros orales en el proceso de enseñanza y aprendizaje del lenguaje. Se utilizó el libro de texto (LD) "Se Liga na Língua", adoptado por el Instituto Federal de Tocantins, como referencia, y, a través de una entrevista con un profesor de Lengua Portuguesa, se evaluó la transposición didáctica de este libro en las declaraciones del docente sobre los contenidos abordados en la aplicación en el aula. Los resultados del análisis indican la necesidad de reformular el libro de texto, especialmente en lo que respecta a la producción textual oral, evidenciando una laguna en el enfoque en prácticas de alfabetización oral argumentativa. Se observó que, a pesar de las limitaciones del material didáctico, el profesor realiza actividades que incentivan la oralidad y la argumentación. En conclusión, el libro de texto necesita ser revisado.

Palabras clave: Enseñanza profesional técnica y tecnológica. Género oral. Argumentación.

Introdução

Conforme Bakhtin (1997, p. 124), "a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes". Nesse contexto, é por meio de enunciados concretos, sejam eles orais ou escritos, que as pessoas estabelecem suas interações comunicativas. A língua, portanto, é um fenômeno social manifestado por meio de interações sociais, materializadas em gêneros discursivos. Em virtude da vasta gama de esferas sociais, existe também uma infinidade de gêneros do discurso, uma vez que a língua é dinâmica e está em constante evolução, conforme elucidado.

Diante do exposto, entende-se que essas esferas comunicativas moldam os enunciados de acordo com os elementos presentes na situação de comunicação, o que, por conseguinte, torna cada enunciado singular. Assim sendo, o conceito de gênero discursivo está diretamente relacionado às formas de interação verbal e intrinsecamente vinculado às atividades sociais. Dessa maneira, a esfera social, englobando contextos formais e informais, determina a escolha linguística e a organização do

discurso conforme a atividade de linguagem (Bakhtin, 1997).

O século XXI é caracterizado por uma proliferação significativa de novas tecnologias. A cultura digital tem promovido mudanças profundas, especialmente no que tange à comunicação entre os membros que constituem o tecido social. Isso ocorre porque, mesmo que a linguagem seja em si mesma uma entidade multissemiótica, hodiernamente, sua função associada às tecnologias da informação e comunicação tem se intensificado progressivamente, incorporando múltiplas modalidades de expressão.

Assim, devido à evolução constante da tecnologia, observamos textos que fazem uso de diferentes recursos, como imagens, gráficos, cores, tipos de fonte variados, vídeos, áudios, efeitos visuais, efeitos sonoros, música, entre outros elementos. Como resultado, novos gêneros textuais relacionados à tecnologia surgem constantemente e se tornam cada vez mais complexos. Exemplos desses novos gêneros incluem *podcast*, *videoaulas*, *post*, *stories*, tutoriais, entre outros.

Diante disso, ao se trabalhar a língua em sala de aula, é necessário atentar-se às diversas práticas sociais que permeiam as relações humanas. Dessa maneira, quanto mais letrado for o indivíduo, maior será sua inserção social. Para que isso ocorra, é essencial que o indivíduo, além de decodificar signos linguísticos, seja capaz de ler e produzir criticamente diversos textos em diferentes modalidades da língua (verbais, não verbais e multimodais), interpretar e utilizar a oralidade de forma adequada, entre outros. Ademais, é importante mencionar que a interação social é primordial para a construção do letramento crítico, visto que é a partir das trocas de experiências e conhecimentos que o ser humano se constitui de forma ampla, conforme Vygotsky (2001)

Dessa maneira, a escola, reflexo da sociedade, precisa estar alinhada às modificações presentes na atualidade, para que o ensino seja transformador e acompanhe as mudanças da sociedade hodierna. O ensino, de modo geral, deve desempenhar o papel de desenvolver uma visão crítica, que se dá a partir da ampliação do entendimento de mundo do estudante, contato com diferentes perspectivas e informações, e práticas que contribuam para a formação do pensamento crítico. Desse modo, no que se refere ao ensino de linguagens, é necessário que seja consubstanciado por meio dos gêneros discursivos, ou seja, a língua ensinada em situações concretas de uso (Marcuschi, 2008).

Diante disso, o presente trabalho de pesquisa concentra-se principalmente na análise da construção da capacidade argumentativa mediada pelo gênero oral. No entanto, sem desvalorizar os gêneros escritos, busca-se enfatizar que os gêneros orais também devem ser reconhecidos como relevantes dentro do processo de ensino e aprendizagem. Estudos realizados na área da linguagem e da

educação apontam que, devido à ênfase tradicionalmente atribuída ao ensino de gêneros escritos, os discentes enfrentam dificuldades de comunicação e expressão oral em contexto escolar (Bueno, 2008; Marcuschi, 2010; Bentes, 2010; Leitão, 2016; Belarmino, 2017; Barros; Cavalcante, 2020; Storto; Brait, 2020; Borges; Vale, 2021, entre outros).

Notadamente em momentos de apresentação ou discussão de temas sociais que requerem argumentação sobre suas opiniões ou pontos de vista em contextos de comunicação que exigem maior monitoramento da fala. Esse problema acompanha os estudantes desde o ensino básico até o ensino superior e se estende também às suas interações sociais.

A pesquisa emerge da seguinte problemática: o docente de Língua Portuguesa (LP) atuante no ensino médio integrado tem trabalhado a argumentação oral dos seus estudantes? Em vista dessa primeira indagação, faz-se necessário mencionar que o professor escolhido atua há mais de 10 anos no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), no Ensino Médio Técnico e Tecnológico, e na rede Estadual de Ensino (Seduc/TO), ambos como professor de Língua Portuguesa e Literatura. A segunda problemática que orienta a pesquisa é: o livro didático utilizado por este professor contempla atividades com gêneros argumentativos na modalidade oral? Com intuito de responder tais indagações de pesquisa, os seguintes objetivos delimitam o curso da pesquisa: (i) investigar o discurso docente acerca do seu trabalho com a capacidade argumentativa oral com seus alunos; (ii) analisar quais os gêneros orais do argumentar são contemplados nas atividades propostas no livro didático utilizado pelo professor de LP.

Diante do exposto, a realização deste estudo se mostra importante, uma vez que tem como objetivo compreender como o livro didático (LD) aborda a linguagem oral e como o docente aplica a transposição didática desenvolvida pelo LD em sala de aula. É importante ressaltar que o material didático é apenas um instrumento a ser utilizado no processo educativo pelo professor, que desempenha um papel fundamental como mediador do conhecimento. Dessa forma, é necessário verificar se os conteúdos abordados em relação ao problema de pesquisa contemplam a formação integral, uma vez que a oralidade e a capacidade de argumentar são habilidades essenciais para o exercício da cidadania.

Linguagem e gêneros

A linguagem abrange todas as dimensões comunicativas da sociedade. Tal como posto em

Vygotsky (2001), a linguagem exerce o papel de mediadora da interação social, possibilitando ao ser humano agir e interagir com o universo social onde ele nasce e se desenvolve. Em convergência com o exposto, Bakhtin (2009) afirma que a linguagem desempenha o papel de facilitadora da interação, manifestando-se por meio de enunciados compartilhados entre os participantes da comunicação. Nesta perspectiva, a língua como linguagem e prática social “penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (Bakhtin, 1997, p. 282). Esses instrumentos linguísticos, por seu turno, assumem diferentes formas, denominadas gêneros discursivos, os quais concretizam os objetivos e necessidades comunicativas, possibilitando a concretização das atividades humanas de acordo com as normas de cada esfera social.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são configurados pela sociedade e pela história. Ele sustenta que toda forma de comunicação, seja oral ou escrita, é mediada por esses instrumentos languageiros, os quais, segundo sua análise, possuem uma certa estabilidade relativa. Isso implica que podem adaptar-se e evoluir em resposta às mudanças nas práticas sociais, no ambiente tecnológico e em outras influências. Bakhtin também salienta que o tema abordado, as circunstâncias de produção e a composição dos participantes em uma determinada esfera comunicativa são fatores determinantes na escolha do gênero discursivo pelo emissor, visando alcançar seus objetivos comunicativos.

Complementando essa perspectiva, Vygotsky (2001) enfatiza a natureza social da linguagem, destacando que ela emerge como uma atividade enraizada nas interações sociais, ocorrendo dentro de um contexto moldado por influências culturais e históricas específicas. Nesse sentido, é relevante compreender a interação social como um processo mediador que não apenas contribui para a evolução da língua, mas também para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Com base nesse aporte teórico, compreende-se que, quanto mais amplo for o domínio das práticas sociais, maior seria a inserção do indivíduo na sociedade e, conseqüentemente, maior seria a facilidade para compreender os signos e instrumentos que permeiam os processos mentais (Vygotsky, 2001).

Na direção do exposto, Bakhtin (2009, p. 45) corrobora para o aporte vygotkyano:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo (Bakhtin, 2009, p. 45).

Com este excerto, tem-se que o contexto de interação verbal e extraverbal desempenha um papel fundamental ao delimitar os enunciados de acordo com os objetivos da comunicação. Na esteira de Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008), a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero textual. Nesse sentido, é responsabilidade dos interlocutores a habilidade de reconhecer as demandas das situações sociais nas quais estão inseridos, a fim de alcançar sucesso nas práticas comunicativas.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros não se configuram como meras formas, mas sim como construções comunicativas nas quais se destacam os elementos relacionados a funções, propósitos, ações e conteúdo. Sobre os gêneros do discurso, Bakhtin (1997) proclama que a diversidade dos gêneros do discurso é de tal magnitude que não existe um terreno comum para sua investigação. Assim, a abrangência de esferas comunicativas engendra uma multiplicidade de gêneros para cada contexto.

À vista disso, é relevante destacar que o termo "gêneros textuais", conforme utilizado por Marcuschi, refere-se principalmente à caracterização dos gêneros a partir de uma perspectiva linguística. Nesse sentido, o termo em questão alude aos "tipos de textualização", que são formas específicas de organizar o texto em um nível mais local, ou seja, dentro da própria estrutura textual, manifestando-se de maneira mais específica.

Em contrapartida, Marcuschi analisa, dentro dos gêneros discursivos - termo empregado por Bakhtin -, as dimensões discursivas, a estrutura, o estilo e a temática. Segundo Bakhtin, "gêneros do discurso" relacionam-se à inserção dos discursos em contextos sócio-históricos específicos, sendo esses contextos fundamentais para a definição de um gênero. Assim, os gêneros textuais são a materialização dessa inserção, representando as diferentes formas como esses discursos se concretizam em textos.

Diante desse cenário, adquirir habilidades em relação a eles é de suma importância, considerando que a língua é uma atividade sociointerativa de natureza cognitiva. Isso demanda dos indivíduos a capacidade de produzir discursos apropriados em eventos comunicativos. Conseqüentemente, o ensino da língua materna deve estar ancorado em situações concretas do cotidiano, uma vez que o ser humano nasce imerso em um contexto social, no qual interage e se desenvolve. Com isso, menciona Marcuschi (2008, p. 194):

(...) os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. (...) os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas

sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros (Marcuschi 2008, p. 194).

Os domínios discursivos organizam, pois, as práticas sociais por meio de gêneros textuais. Em relação a essa afirmação, é importante mencionar que um mesmo gênero pode transitar entre diferentes esferas comunicativas, visto que são formas de manifestação da linguagem maleáveis.

No âmbito escolar, percebe-se que existe maior ênfase em gêneros concretizados na escrita, haja vista que há a concepção equivocada de que o aluno já sabe falar, não precisando, portanto, de práticas educacionais voltadas ao ensino da oralidade (Miranda, 2005). Isso posto, Marcuschi (2010, p. 24) afirma que “um estudo de práticas orais não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua”.

Nesse viés, o ensino da linguagem oral pautada no domínio de gêneros discursivos é a maneira mais eficiente para que o indivíduo se aproprie da oralidade de forma ampla, garantindo maior compreensão desta prática social perante os diversos contextos de uso da língua (Borges; Vale, 2021). Afinal, é por meio da oralidade que compartilhamos vivências e conhecimentos, e até mesmo persuadimos outros a adotar determinados pontos de vista.

Gêneros orais e práticas de letramento

A oralidade e o letramento, enquanto expressões do uso da língua, viabilizam uma interação social entre indivíduos que se revela diversificada e multifacetada. Assim, sendo a linguagem dinâmica e em constante evolução, é primordial o domínio de ambas modalidades.

Conforme Marcuschi (2010, p. 25), “a oralidade representa uma prática social interativa com propósitos comunicativos, assumindo diversas formas e gêneros textuais baseados na realidade sonora”; abrange desde manifestações informais até as mais formais. Isso significa que a linguagem oral exerce sua influência em distintas esferas de comunicação social, abrangendo desde conversas cotidianas até conferências, e se molda conforme as demandas específicas de cada contexto de interação.

Dito isso, Travaglia *et al.* (2013, p. 5) enfatiza que “o suporte do gênero oral não pode ser visto como a fala, porque esta é a própria língua usada oralmente”. A definição de determinado discurso como gênero oral ocorre quando ele é realizado prioritariamente pela oralidade, apesar de possuir uma versão escrita. Uma conferência, um congresso, um seminário, uma peça teatral, são gêneros orais que, por

mais que tenham um roteiro pré-definido, são produções discursivas desenvolvidas para serem oralizadas (Travaglia *et al.*, 2013). Assim, a “simples oralização de qualquer texto” não faz do enunciado um texto oral, como, por exemplo, a mera leitura de um texto (Travaglia *et al.*, 2013, p. 5).

Além disso, Bentes (2010) ressalta que o discurso não se concentra apenas em transmitir informações de forma sonora. Diversas linguagens coexistem e ampliam a compreensão dos gêneros orais, como gestos, postura corporal, expressões faciais e até o olhar. A identidade social do falante, influenciada por aspectos sociais, se manifesta nas produções discursivas orais, juntamente com características prosódicas (como entonação, ritmo e velocidade). Esses elementos não só distinguem os modos de fala, mas também servem como recursos comunicativos e estilísticos (Bentes, 2010). Observe abaixo uma listagem de alguns gêneros orais, conforme Travaglia *et al.* (2013, p. 5-6):

Quadro 1 Gêneros Orais

Esfera das relações do dia a dia: entrevista de emprego, fofoca, relatos, recados (sociais e familiares), bronca, conselho, discussão, reclamação, lamento, alerta, brinde, cantiga de ninar, discurso, exéquias, juramento, provérbio, nota de falecimento, convite, acusação, agradecimento e atendimento (por secretárias, telefonistas, etc.).
Esferas do entretenimento e literária: cantigas de roda, piadas, anedotas, peças de teatro, parlendas, recontos, comédias stand-up, esquetes, repentismo, bingo, filmes, narração esportiva, etc.
Esferas escolar e acadêmica: avisos e comunicados feitos em sala de aula por professores, funcionários e alunos, palestras e conferências, exposições orais, debates de opinião e deliberativos, etc.
Esfera religiosa: homilia, sermão, celebração da palavra, pregação ou prédica, prece/oração, confissão, passe espírita, benzeção, batismo, batismo de fogueira, casamento (religioso, mas há também o civil), consagração, crisma, extrema unção, etc.
Esfera militar: comandos, instrução de comandos, etc.;
Esfera médica: consulta (a anamnese seria parte da consulta), sessão de terapia, etc.;
Esfera jornalística: notícia, reportagem, comentário (feito por comentaristas econômicos, esportivos, críticos de arte, etc.), entrevistas (como as de opinião sobre determinado tópico), etc.;
Esfera jurídica / forense: depoimento, defesa, acusação, etc.;
Esfera policial: interrogatório, denúncia (Não se trata aqui do gênero escrito produzido pelo ministério público, mas das denúncias orais e informais realizadas por cidadãos em geral), depoimento, etc.; 10) Esfera comercial e indust
Esfera dos transportes: navegação de vôo, cancelamento de vôo, informes/avisos orais em aeroportos e rodoviárias sobre partidas, chegadas, cancelamentos, etc.;
Esfera de magia: leitura de mão, praga, leitura de cartas, simpatia, etc.;

Esferas diversas: depoimento / relatos de experiência de vida (policial, religiosa, de tratamentos, histórico, etc.) pedido (social = casamento e outras, comercial, etc.), agradecimentos, profissão de fé, dramatização (ver relação com peças de teatro), instruções (de vôo, para realização de algo, etc), aviso, etc.;

Esfera comercial e industrial: pregão (de camelô, de vendedor, de feirante, etc.), leilão (a fala do leiloeiro), atendimento de call center, transações de compra e venda (pessoalmente ou mediadas), entrevista (de pesquisa de preço e opinião sobre produtos, por exemplo), etc.;

Fonte: Travaglia *et al.* (2013, p.5-6)

Diante desse panorama, observa-se que os gêneros discursivos na modalidade oral desempenham um papel crucial no dia a dia dos falantes, abrangendo desde contextos informais a formais. Nesse sentido, quanto mais familiarizado um indivíduo estiver e se adaptar às diferentes situações comunicativas, mais ele estará desenvolvendo suas habilidades de letramento. Segundo Marcuschi (2010, p. 25), o letramento refere-se à capacidade de utilizar a linguagem de maneiras diversas, indo além da simples decodificação de signos linguísticos. Perante o exposto, o autor afirma que, "letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita".

Segundo Soares (2002), um evento de letramento é uma ocasião que requer interação competente entre os participantes, demonstrando habilidades e atitudes necessárias para participação efetiva. Portanto, ao participar de eventos de letramento, o indivíduo letrado utiliza suas competências discursivas e cognitivas, o que o integra à sociedade letrada.

Conforme Rojo (2004), as práticas letradas no meio escolar ainda se apresentam de forma limitada, uma vez que se concentram em métodos de repetição, memorização e localização de informações. Segundo Rojo (2004, p. 2), "Ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais do que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social".

De forma semelhante, Soares (2003, p. 3) conceitua letramento da seguinte maneira: "letramento é o estado em que vive o indivíduo que não apenas sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive [...]". Considerando que a sociedade é permeada por diversas práticas sociais que sofrem transformações constantes, as práticas de letramento variam em função da vida social. Isso demanda diversas capacidades, como cognitivas, afetivas, linguísticas, entre outras (Rojo, 2004).

Linguagem oral e argumentação

Desde os tempos primordiais, a linguagem oral tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento das sociedades humanas. A comunicação oral, em particular, é uma das formas mais antigas de interação entre os seres humanos, permitindo a transmissão de conhecimentos, cultura e valores através das gerações. Acerca dessa assertiva, Vygotsky (2001) salienta que a fala humana não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta essencial para o pensamento e a construção do conhecimento, exercendo função mediadora central nas interações sociais e na internalização de significados culturais.

Mesmo em épocas em que a linguagem escrita ainda não existia, as sociedades dependiam exclusivamente da oralidade para interagir. No entanto, à medida que as tecnologias avançaram, as formas de interação evoluíram, e a escrita assumiu um papel de grande prestígio social. Dominar a escrita passou a ser um indicativo de supremacia cultural, muitas vezes dividindo as sociedades em categorias primitivas e civilizadas, um aspecto ideológico importante a considerar (Marcuschi, 2010).

A oralidade permanece fundamental e inerente à natureza humana, desempenhando um papel crucial na construção da identidade cultural de um povo (Marcuschi, 2008, 2010; Bentes, 2010; Borges, Barros; Cavalcante, 2020; Vale, 2021). Em virtude disso, a inclusão dos gêneros orais no currículo escolar e nos diversos ambientes de ensino e aprendizagem é imprescindível. Nesse contexto, Antunes (2003, p.102) salienta a importância de explorar uma variedade de gêneros orais como parte integrante do processo educativo e formativo.

[...] os textos orais igualmente ocorrem sob a forma de variados tipos e gêneros, dependendo dos contextos mais ou menos formais em que acontecem. São bem diferentes a conversa coloquial, o debate, a exposição de motivos ou de ideias, a explicação, o elogio, a crítica, a advertência, o aviso, o convite, o recado, a defesa de argumentos, para citar apenas estes poucos exemplos de gêneros do discurso oral. Planejar – mais ou menos – e realizar essas formas de atuação verbal requer competências que o professor precisa ajudar os alunos a desenvolver para que eles saibam adequar-se às condições de produção e de recepção dos diferentes eventos comunicativos (Antunes, 2003, p. 102).

Diante dessa realidade, torna-se essencial que a escola se empenhe em desenvolver a competência comunicativa dos estudantes, com foco particular no aprimoramento das habilidades argumentativas. Conforme Leitão (2016, p. 75) destaca, "a argumentação é definida aqui como uma

atividade discursiva que envolve a defesa de pontos de vista e a consideração de perspectivas contrárias". O gênero debate, por exemplo, surge como uma ferramenta valiosa para a exploração da arte de argumentar. Nele, os alunos têm a oportunidade de apresentar seus pontos de vista sobre questões específicas, com o objetivo de persuadir o público a adotar o posicionamento exposto.

Ademais, outros gêneros discursivos como exposição, relatório de experiência, entrevista, palestra e seminário são parte integrante da sociedade. Portanto, é essencial que sejam ensinados na escola para preparar o cidadão para uma participação ativa e com voz na sociedade (Storto; Brait, 2020). O gênero seminário, por exemplo, muitos alunos apresentam dificuldades em executá-lo, isso desde o ensino fundamental até além do superior, visto que não há, na maioria das vezes, um ensino focalizado em como desenvolver os elementos não-linguísticos como: qualidade da voz, respiração, postura física, olhares, movimento das mãos e pernas, roupas, ritmo, entonação, dentre outros (Bueno, 2008).

Todos os elementos citados anteriormente são fundamentais para o desenvolvimento da argumentação, pois argumentar também envolve a maneira como os enunciados são proferidos. Diante disso, Koch (2012) afirma que a linguagem é um jogo, uma vez que sempre há objetivos previamente definidos, efeitos pretendidos com a comunicação e comportamentos em que se deseja alcançar. Dessa forma, conclui-se que a linguagem é puramente argumentativa (Koch, 2012).

Dito isso, afirma-se que todos os discursos são essencialmente argumentativos, não se limitando apenas aos textos com tipologia dissertativa-argumentativa. Infelizmente, nas escolas, a prática da argumentação muitas vezes não recebe a atenção devida. Quando é abordada em sala de aula, o foco costuma ser apenas o ensino de conectivos e conjunções. No entanto, a abordagem mais eficaz deveria ser o desenvolvimento da habilidade de leitura crítica e do diálogo consciente entre os alunos. Assim, trabalhar a oralidade relacionada aos diferentes gêneros textuais se torna fundamental para aprimorar as competências linguísticas dos estudantes (Belarmino, 2017). Segundo Koch (2018, p. 24):

[...] argumentar é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva (Koch, 2018, p. 24).

O educador deve partir do conhecimento prévio do aluno. Em linha de pensamento convergente com o excerto em destaque, Freire (1996) defende que o educador comprometido é aquele que

estimula o pensar crítico e a curiosidade epistemológica do discente sobre as leituras de mundo e conhecimentos escolarizados, resgatando suas vivências e considerando-os como seres históricos, linguísticos e culturais. Isso é indispensável para a formação de cidadãos críticos e argumentativos (Barros; Cavalcante, 2020). Logo, os professores de linguagens devem incentivar a expressão das opiniões dos alunos, tornando-os protagonistas do processo educativo e o professor como mediador (Vygotsky, 2001).

Freire (1987, 1996) propõe uma educação libertadora que promove a autonomia na construção do conhecimento, onde educador e educando aprendem juntos. Essa abordagem inclui problematização e diálogo crítico, essenciais para a inserção crítica do indivíduo na sociedade. Nesta perspectiva, ensinar é criar oportunidades de aprendizado conjunto, envolvendo os alunos no processo e desenvolvendo sua capacidade crítica. Com isso, compreende-se que o conhecimento deve ser construído em situações reais de aprendizado, com o estudante como agente transformador.

No que se refere à formação de indivíduos críticos e hábeis na comunicação, o processo educacional deveria ser envolvente, incentivando a exploração do conhecimento. Em um mundo de informações constantes, o pensamento crítico e a argumentação são fundamentais, pois o verdadeiro compromisso humano está “no engajamento com a realidade” (Freire, 1983, p. 19). Nessa direção, a educação representa uma libertação intelectual e deveria adaptar-se às necessidades humanas.

O livro didático no Brasil

A trajetória histórica do livro didático no Brasil é caracterizada por uma série de decretos, medidas governamentais e leis que moldaram sua implementação ao longo do tempo. Em 1939, o Decreto-Lei nº 1006 destacou a importância desse recurso educacional. Além disso, a evolução do livro didático está vinculada à formulação de políticas públicas por meio de órgãos como COLTED, CNLD, INL e FENAME.

Em 1938, com a criação da Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), foi estabelecido um órgão para supervisionar a produção e a distribuição desses materiais no Brasil. Mais de três décadas depois, em 1971, o Instituto Nacional do Livro (INL) iniciou a implementação do Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PL/DEF). Após a extinção do INL em 1976, a responsabilidade pela produção dos materiais passou para a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME), com o governo

adquirindo os livros por meio de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e contribuições dos Estados (Albuquerque; Ferreira, 2019).

A grande transformação ocorreu em 1985 com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) por meio do Decreto-Lei nº 91.542 (Brasil, 1985). Esse programa introduziu várias mudanças no PL/DEF, como a possibilidade de os professores escolherem os livros, melhorias nas especificações técnicas para aumentar a durabilidade e a ênfase na diversificação das abordagens de ensino-aprendizagem.

Somente a partir de 1996, o Ministério da Educação (MEC) começou a demonstrar preocupação com a qualidade dos materiais, levando à introdução de critérios rigorosos de avaliação. Antes de serem distribuídos, os livros são submetidos à avaliação de profissionais da educação, que analisam sua qualidade pedagógica. Essa avaliação se tornou fundamental para garantir o cumprimento adequado dos critérios estabelecidos pelo programa, contribuindo assim para aprimorar a qualidade do ensino (Albuquerque; Ferreira, 2019).

Atualmente, o livro didático desempenha um papel central nas escolas brasileiras, em grande parte devido ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que garante o acesso universal a esses materiais na educação básica. Muitas vezes, ele se torna a principal referência no processo de ensino, servindo como guia para o planejamento de aulas e a organização de conteúdo por parte dos professores. No entanto, é crucial ressaltar que o livro didático não deve ser considerado como a única fonte no processo de ensino-aprendizagem, mas sim como uma ferramenta orientadora, conforme apontado por Barros e Cavalcante (2019).

O livro didático é, pois, ferramenta auxiliadora do processo de ensino. A figura do professor é primordial para a efetiva aprendizagem, tendo em vista que o docente, por meio da didatização, transforma o conhecimento a ser ensinado em saber ensinado, isto é, torna o conhecimento mais compreensível, mais fácil, através de estratégias de ensino que facilitem a construção dos saberes (Gomes; Mendes, 2017), dentro do processo educativo e formativo.

Metodologia

Com a finalidade de responder o problema de pesquisa que rege o estudo, bem como concretizar os objetivos postulados, para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pelo estudo de caso com

abordagem qualitativa dos dados. Conforme observado por Godoy (1995, p. 25), na abordagem de estudo de caso, o pesquisador frequentemente recorre a uma diversidade de dados coletados em momentos distintos e provenientes de várias fontes de informação. Dessa forma, o corpus de análise pode ser composto por entrevistas, documentos, depoimentos, observações, entre outras técnicas de coleta de dados. Esse método possibilita uma análise aprofundada do objeto de estudo, reduzindo potenciais erros e equívocos, como destacado por Gil (2002). No que concerne à abordagem, Minayo (1994, p. 21-22) menciona que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 1994, p. 21-22).

Trata-se, pois, de uma pesquisa mais subjetiva, tendo em vista que os sujeitos envolvidos são cruciais para a interpretação dos dados. Além disso, o presente trabalho também é constituído pela análise documental e bibliográfica. Nesse viés, Gil (2010, p. 29) acrescenta que “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

Isso posto, a análise documental explorou o Livro Didático de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Tocantins - Campus Palmas, intitulado "Se Liga na Língua". O livro está dividido em três vertentes: Literatura, Produção de Texto e Linguagem. No entanto, o presente estudo concentra-se exclusivamente na parte relacionada à produção textual, uma vez que se dedica principalmente aos gêneros textuais. Deste modo, foi realizada uma análise do referido material com o objetivo de verificar como o livro explora os gêneros orais no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades argumentativas.

Além do mencionado, para a elaboração do estudo, foi realizada uma entrevista com um professor de LP que possui mais de uma década de experiência no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), onde leciona no Ensino Médio Técnico e Tecnológico, além de atuar na rede Estadual de Ensino (Seduc/TO) como professor de Língua Portuguesa e Literatura. O objetivo foi compreender como esse docente implementa a transposição didática dos conteúdos apresentados no livro no processo de ensino-aprendizagem.

A entrevista conduzida apresenta natureza semiestruturada e foi organizada em Sequências Enunciativas (SE). A opção pela entrevista semiestruturada justifica-se pela sua flexibilidade e praticidade na obtenção e categorização dos dados. Dessa maneira, mesmo dispondo de um roteiro pré-definido, esse método de pesquisa permite que o pesquisador, conforme o contexto da investigação, explore temas adicionais relevantes ao objeto de estudo, evitando que a entrevista se configure como um “interrogatório” (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010). A seguir, são apresentadas as perguntas utilizadas:

Quadro 2
Perguntas da entrevista

1ª Pergunta	Professor, o livro didático apresenta conteúdos voltados para o desenvolvimento da oralidade argumentativa do educando?
2ª Pergunta	Como o livro didático apresenta os gêneros orais?
3ª Pergunta	Você costuma desenvolver práticas com os gêneros orais com o intuito de aguçar a argumentação? Cite algumas práticas.
4ª Pergunta	Você considera que o livro didático é suficiente no que diz respeito ao trato da língua na oralidade?

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Com isso, pretende-se compreender a relação entre o livro didático e as práticas educativas na realidade da sala de aula, especialmente no que diz respeito ao ensino de linguagens. Os gêneros orais, assim como outros gêneros discursivos, devem estar presentes no processo educativo, sendo explorados e desenvolvidos de forma prática. Desse modo, verificar a implementação desses conteúdos torna-se importante para entender como os cidadãos estão construindo suas habilidades linguísticas.

Contudo, importa mencionar que a entrevista não colocou em risco a integridade física e mental do entrevistado, principalmente pelo fato de não ser mencionado o nome do docente que colaborou para a geração de dados. O estudo realizado é um recorte de uma pesquisa em andamento no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Campus Palmas, Instituto Federal do Tocantins. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa no dia 19 de dezembro de 2023 e foi aprovado sob o parecer 6.898.863. O entrevistado aceitou o convite de participação, sendo informado que a qualquer momento poderia desistir e solicitar que os dados não fossem analisados.

Análise das sequências enunciativas

Neste tópico, serão apresentados e analisados os enunciados proferidos pelo professor de Língua Portuguesa em relação às atividades do livro didático que abrangem as práticas da oralidade, bem como às práticas desenvolvidas pelo educador com os gêneros orais. O Quadro 3 resume os principais tópicos dessa discussão, explicitando as respostas do professor ao questionário de pesquisa.

Quadro 3
Representações do docente

SE1 ³	O livro didático apresenta poucos conteúdos voltados para o desenvolvimento da oralidade argumentativa do educando. No volume 3, destinado aos estudantes do 3º ano do ensino médio, o livro didático apresenta o debate regrado para o trabalho com a linguagem oral.
SE2	O livro didático apresenta predominantemente gêneros escritos, cabendo ao professor partir desse contínuo tipológico para inserir atividades voltadas para a oralidade. A palestra, como gênero oral, se aproxima mais da língua escrita em relação ao planejamento do que o debate regrado.
SE3	No 3º ano do ensino médio, são trabalhados seminários e produção de vídeos. A produção de vídeos é apreciada tanto pelos alunos quanto pelo professor. Considera-se fundamental desenvolver a argumentação em todas as áreas, devido às dificuldades dos alunos na interpretação e posicionamento crítico. O objetivo é que eles saiam do texto e expressem suas próprias vozes. Portanto, acredita-se que os alunos devem ser protagonistas no processo de ensino/aprendizagem. Em Literatura, por exemplo, a obra "Mensagem" de Fernando Pessoa é lida, seguida pela interpretação de poemas e, posteriormente, os alunos são solicitados a escolher um poema e interpretá-lo em vídeo, incentivando a pesquisa.
SE4	Apesar da qualidade da coleção, nenhum livro didático é suficiente por si só, pois cada turma de alunos possui necessidades específicas e pontos a serem trabalhados. É necessário adaptar o material ao contexto de ensino.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

³ Sequência Enunciativa

Em relação à primeira questão, o docente afirma que o livro didático apresenta poucos conteúdos voltados para a prática da oralidade, sendo o gênero textual debate regrado explorado no livro do 3º ano para o desenvolvimento dessa capacidade. Diante disso, pode-se constatar que o LD não oferece uma variedade de atividades relacionadas à linguagem oral argumentativa, uma vez que apenas um capítulo aborda exclusivamente essa prática na respectiva série. Levando em consideração que a argumentação está presente na maioria dos discursos existentes, é necessário que os gêneros do argumentar se façam presentes com o intuito de ampliar a capacidade de se posicionar diante de situações que exigem desenvolvimento linguístico e criticidade (Koch, 2018).

No que diz respeito à segunda indagação, percebe-se que o livro apresenta uma gama de gêneros textuais, porém há um foco prioritário em gêneros escritos, o que revela a maior valorização da escrita em relação à fala. O gênero palestra, contido no livro, por exemplo, volta suas atividades exclusivamente para o planejamento da fala, sendo insuficiente no que se refere ao exercício prático da língua falada.

Nesse contexto, segundo Marcuschi (2010), as discrepâncias entre a oralidade e a escrita não devem ser percebidas como distinções rígidas, mas sim como parte de um contínuo de atividades e formas textuais.

Além disso, ao ser perguntado se costuma desenvolver práticas com os gêneros orais com o intuito de aguçar a argumentação, o educador afirma que são trabalhados, principalmente, seminários e produção de vídeos com declamações de poemas. O docente enfatiza que atividades voltadas para a argumentação oral, que trabalhem a criticidade do educando, são essenciais para que os estudantes sejam os protagonistas do processo de aprendizagem. Conforme a perspectiva de Bakhtin (1997), a linguagem é concebida como uma prática social que se manifesta por meio de enunciados, tanto orais quanto escritos, os quais demandam adaptação às diversas situações sociais. Portanto, é responsabilidade principalmente do professor de linguagem introduzir atividades que contribuam para o desenvolvimento de habilidades discursivas variadas, considerando a necessidade de preparar os estudantes para lidar com a diversidade de textos presentes nas esferas sociais ao saírem da escola.

Por fim, no que tange a suficiência de conteúdos voltados para o trabalho com a linguagem, o professor destacou a importância da flexibilidade e adaptação do material didático de acordo com as características individuais e necessidades dos estudantes. Embora os livros didáticos sejam uma

ferramenta valiosa no processo de ensino, eles não podem ser vistos como um recurso absoluto e completo, capaz de atender a todas as nuances do aprendizado (Barros; Cavalcante, 2019). O livro didático é apenas o ponto de partida, cabendo aos professores a interpretação e ampliação dos conteúdos apresentados. Assim, trata-se de adaptar as atividades do livro didático de forma que os conteúdos se tornem mais envolventes para os alunos, conforme Gomes e Mendes (2017).

Diante do exposto, pode-se afirmar que o livro focaliza a produção textual de gêneros discursivos na modalidade escrita na perspectiva do entrevistado. O educador afirma que, ao analisar isso, introduz na sala de aula práticas diversificadas que abordam diferentes formas de expressão da língua. Dessa forma, por meio de atividades como seminários, os estudantes organizam a escrita, realizam pesquisas e também utilizam a linguagem oral para a exposição das informações. O livro didático serve como um guia no processo de ensino-aprendizagem, sendo responsabilidade do docente analisar as necessidades a serem desenvolvidas e buscar estratégias de ensino adequadas ao seu contexto.

Análise dos gêneros orais no livro didático: “Se liga na língua”

Para início da análise dos conteúdos presentes no livro didático, na parte destinada à produção textual, optamos por inicializar com um trecho dos autores da obra, o qual explicita a respeito dos gêneros textuais.

Os gêneros textuais, (...), são tipos mais ou menos estáveis de enunciado. Estão ligados a situações comunicativas específicas e têm estruturas e universo temáticos facilmente reconhecíveis. No entanto, são dinâmicos e acompanham as mudanças comportamentais da sociedade, inclusive linguísticas. Os gêneros não devem ser pensados como limites rigorosos de composição, mas sim como parâmetros que orientam nossa produção textual (Ormundo; Siniscalchi, 2016, p. 158).

Pode-se analisar, com base no trecho citado, que os autores estão em consonância com as ideias de Bakhtin no que se refere aos gêneros discursivos, visto que, para esse estudioso da língua, todas as esferas de comunicação existentes na sociedade produzem enunciados específicos que se materializam em gêneros discursivos. Além disso, essas práticas sociais que moldam a utilização da língua, conforme os contextos comunicativos, constituem-se a partir de aspectos sociais, culturais e históricos. Ou seja, elas acompanham a evolução da língua e seus usos (Bakhtin, 1997).

A partir disso, percebe-se, portanto, que os gêneros textuais trabalhados no livro didático em análise se fundamentam em teorias que partem da concepção da língua em uso para seu efetivo aprendizado. Tal ideal é essencial no ensino de linguagens, uma vez que os indivíduos já nascem inseridos em gêneros textuais e deles usufruem ao longo da vida (Marcuschi, 2008). Observe a seguir o quadro 4 em que há um resumo dos gêneros predominantes por capítulo no livro didático.

Observa-se, no material didático em questão, que os conteúdos são cuidadosamente organizados em um contínuo tipológico, no qual a argumentação emerge como elemento predominante nos diversos gêneros textuais abordados.

Quadro 4
Gênero predominante por capítulo

Capítulo 9	Capítulo 10	Capítulo 11	Capítulo 12	Capítulo 13	Capítulo 14
Conto	Resenha crítica	Artigo de opinião	Editorial	Dissertação escolar	Debate regrado

Fonte: Ormundo;Siniscalchi (2016)

Entretanto, observa-se que, ao explorar os gêneros discursivos, há uma maior ênfase na habilidade de escrita e na compreensão dos textos. O uso oral desses textos é abordado de forma mais substancial em apenas um capítulo do livro, intitulado "Debate Regrado", que se encontra no capítulo 14.

Quadro 5
Resumo do capítulo 14: Debate regrado

Leitura 1	Estudo do gênero	Leitura 2	Debate regrado	Projeto
"Debate sobre a apresentação do negro na televisão brasileira" p. 232-234	O gênero textual debate regrado - p.236	"Debate sobre o horário eleitoral" p. 237-239	Tema: O Dia da Consciência Negra deve ser mantido ou suspenso? p. 243-246	"Expressão cidadã" Etapas: Organização das equipes; Preparação do evento; Realização do evento; Avaliação do projeto; p. 247-249

Fonte: Ormundo;Siniscalchi (2016).

O capítulo 14 do livro começa destacando que os debates são amplamente utilizados,

especialmente durante o período eleitoral, com o propósito de confrontar ideias entre os candidatos. Dessa forma, tópicos polêmicos são trazidos à tona, estimulando a formação de opiniões e reflexão. Diante disso, Freire (1983, p. 17) menciona que “é exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada a sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis”. Ou seja, um ser capaz de transformar.

O capítulo também ressalta que esta seção da obra se concentra inteiramente nas questões da oralidade. Assim, no início, é sugerido aos alunos que assistam a debates na internet para analisar as características linguísticas e a organização das falas. Além disso, os estudantes têm acesso a transcrições de debates sobre temas cotidianos nas leituras disponíveis no livro didático. Nas leituras, também são enfatizadas as características da oralidade, as estratégias argumentativas utilizadas para fortalecer as ideias apresentadas, sobreposições de vozes, traços de personalidade, expressões modificadoras do discurso e a preocupação em tornar o texto compreensível.

Diante desse entendimento, Bueno (2008) destaca que o ensino de um gênero textual, como o debate no caso específico, não se resume a instruir sobre a produção de um texto oral ou escrito. Vai além, envolvendo uma abordagem centrada nos modos de agir, exigindo não apenas a atenção à estrutura textual e aos aspectos linguísticos, mas também considerando elementos não linguísticos (especialmente nos gêneros orais), o entendimento da situação de produção, entre outros aspectos.

No que se refere ao estudo desse gênero, os autores salientam que o debate público regulamentado diz respeito à interação oral entre dois ou mais interlocutores, envolvendo a discussão de um tópico, onde os participantes apresentam argumentos sólidos com o intuito de convencer o público de suas posições, segundo Siniscalchi e Ormundo (2016).

Diante disso, Koch (2018) enfatiza que argumentar vai além da exposição de fatos, uma vez que é uma atividade que pretende influenciar o interlocutor por meio da estruturação do raciocínio em defesa de uma tese. O uso de argumentos, pois, é essencial para o efetivo convencimento.

Dando continuidade à análise, na seção destinada ao debate regulamentado, o livro inicialmente apresenta o seguinte tópico: 'Deve-se manter ou suspender o Dia da Consciência Negra?' Essa questão é levantada com base nos comentários compartilhados por jovens que avaliam se essa comemoração é ou não válida. Para isso, o livro sugere um planejamento do debate, a fim de que ele seja realizado de forma eficiente. Portanto, aconselha-se aos alunos que realizem pesquisas sobre argumentos e contra-argumentos, que podem incluir citações, dados estatísticos, jornais e revistas, por exemplo.

Outrossim, é sugerido que o próprio debate seja mediado pelos estudantes, dois deles escolhidos para explicar as regras e garantir que o evento seja conduzido de maneira organizada. Por fim, o professor poderá avaliar o debate usando critérios propostos pelo livro didático, tais como tom de voz, expressões gestuais, organização do debate, eficiência da mediação, presença de argumentos consistentes e variados, entre outros aspectos. Dessa maneira, ao enfrentar a exigência de sustentar uma tese e rebater a oposição, o discurso se configura como um processo de negociação no qual conhecimentos são elaborados, revisados e transformados, conforme destacado por Leitão (2007).

Ao final do capítulo, é proposto que os estudantes desenvolvam um projeto intitulado “Expressão cidadã”, o qual sugere o seguinte tema: “Saúde e beleza: necessidade ou imposição?”. A discussão traz como objetivo explicar a respeito das consequências da imposição de padrões de beleza, e para maior aprofundamento e credibilidade das informações apresentadas conta com a participação de um especialista. O debate, segundo o LD, deve ser organizado e mediado pelos próprios estudantes e todos os alunos da instituição ou público específico poderão participar como interlocutores deste momento.

Perante o exposto, nota-se que o livro didático, além de sugerir, mesmo que em apenas um capítulo, atividades voltadas para o trabalho com gêneros da oralidade, conforme defendido por Storto e Brait (2020), que destacam a importância dessa abordagem para que o estudante domine esses gêneros e adquira confiança para familiarizar-se, identificá-los e elaborá-los, no capítulo em análise, também há a preocupação de que essa prática ocorra de forma argumentativa.

Diante das atividades propostas, o LD apresenta a arte de argumentar como a capacidade de organizar o discurso, uma vez que cada enunciado é proferido de forma intencional, especialmente quando se trata de argumentação. E, considerando que os enunciados se materializam em gêneros discursivos, conforme afirmado por Bakhtin (1997), torna-se essencial criar no ambiente escolar situações em que o aluno possa desenvolver a criticidade consciente, juntamente com estratégias argumentativas, de acordo com Belarmino (2017).

Além disso, o LD ressalta a importância de o enunciador ser competente tanto na linguagem escrita quanto na oral, de modo a compartilhar suas ideias de forma eficaz com os interlocutores. Segundo Borges e Vale (2021), “a oralidade e o (multi)letramento acompanham os comportamentos sociais como práticas educativas essenciais no processo de comunicação dos indivíduos”. O ensino da oralidade não pode ser realizado isoladamente (...). Ou seja, ambas práticas sociais são necessárias para

a interação verbal, as quais ocorrem por meio de textos e situações específicas.

Contudo, é relevante observar que o material poderia explorar, ao longo das atividades relacionadas à produção de gêneros textuais, a elaboração de produções orais de forma mais abrangente. Apenas um capítulo do livro aborda essa prática social de maneira exclusiva. Dessa forma, cabe ao professor analisar o material, interpretá-lo e elaborar atividades que abranjam as diversas vertentes do uso da língua, considerando que "um estudo de práticas orais não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua", conforme Marcuschi (2010, p. 24), o que é indispensável na e para a formação profissional de jovens no ensino médio integrado.

Revelações sobre o trabalho pedagógico do professor de LP e do livro didático

A análise da entrevista com o professor de Língua Portuguesa do ensino médio integrado e do livro didático utilizado revelou um distanciamento entre a proposta didática deste material e a prática docente. O livro didático oferece poucos conteúdos para o desenvolvimento da comunicação oral argumentativa, focando predominantemente em gêneros escritos, o que compromete o desenvolvimento da comunicação instantânea e do diálogo oral, essenciais para a interação sociocultural dos alunos e suas leituras de mundo (Freire, 1987, 1996; Vygotsky, 2001; Bakhtin, 1997, 2009).

Diante desse contexto complexo, coube ao professor adaptar esses conteúdos para incluir a oralidade. O professor entrevistado demonstrou sua capacidade didática e metodológica ao utilizar gêneros orais e digitais, como seminários e produção de vídeos, adaptando-os às necessidades do contexto escolar local para a transposição didática dos conteúdos contemplados no livro didático. Tais práticas comunicativas, que associam diferentes semioses e promovem o multiletramento, são essenciais no processo educativo (Borges; Vale, 2021), mas não são contempladas pelo livro didático analisado.

Esses dados revelaram que o livro didático, por si só, não é suficiente para atender às necessidades formativas dos alunos do ensino médio integrado, essenciais para sua vida pessoal, participação social e atuação no mundo do trabalho (Barros; Cavalcante, 2020). Conforme o docente, o livro didático apresenta poucos conteúdos voltados para a oralidade, sendo necessária a adaptação didática pelo professor para atender às especificidades do ensino e à aprendizagem do discente.

Pesquisas recentes (Gomes; Mendes, 2017; Barros; Cavalcante, 2019) reforçam que o livro didático não deve ser visto como um recurso absoluto, mas como um auxílio à transposição didática, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. No entanto, a transposição didática apresentada no livro mostra-se limitada diante das necessidades comunicativas emergentes das novas tecnologias de informação e comunicação (Storto; Brait, 2020; Borges; Vale, 2021). Assim, o livro deveria incluir atividades de produção textual que contemplassem gêneros orais argumentativos para práticas comunicativas mais expressivas e fluentes.

A literatura especializada (Miranda, 2005; Marcuschi, 2008, 2010; Travaglia, 2013; Belarmino, 2017; Borges; Vale, 2021) aponta a necessidade de trabalhar com o gênero oral para desenvolver a capacidade comunicativa argumentativa em contextos escolares. Apesar das limitações do livro didático, o professor busca superá-las com práticas variadas, como seminários e vídeos, adaptando e expandindo os conteúdos para atender às necessidades dos alunos.

Para uma prática educativa eficaz, é essencial que o professor de Língua Portuguesa adote uma postura didático-pedagógica crítica em relação aos conteúdos do livro didático, a fim de evitar a reprodução de modelos de ensino e aprendizagem que não correspondam às necessidades dos discentes e ao contexto sociocultural em que estão inseridos.

Considerações finais

Diante da análise e dos dados coletados, torna-se evidente a necessidade de reformulação do livro didático de Língua Portuguesa "Se Liga na Língua" no que se refere à parte destinada à produção textual oral. Apesar de apresentar um acervo de gêneros textuais a serem estudados e reproduzidos pelos alunos, ainda é necessário contemplar práticas de letramento voltadas para o desenvolvimento da oralidade argumentativa em muitos dos gêneros discursivos expostos.

A escrita desempenha um papel primordial na sociedade, portanto, não se trata de substituí-la por outra modalidade, mas sim de valorizar a multiplicidade da língua e as diferentes formas de expressão presentes na sociedade, que são essenciais para as relações interpessoais. Como já mencionado no decorrer do artigo, quanto maior o conhecimento a respeito dos gêneros discursivos, maior é a inserção social do cidadão na sociedade de forma ativa.

No que se refere ao problema de pesquisa, analisamos que o docente, por meio da interlocução realizada, insere em sua prática educativa atividades voltadas para o desenvolvimento da oralidade e da

argumentação, apesar de o material didático apresentar um número limitado de atividades voltadas para a linguagem oral. Ou seja, percebe-se, com base na fala do docente, que ele não se limita aos conteúdos expostos e busca outras alternativas que atendam às necessidades para a formação do ser humano de forma integral.

Além do exposto, os objetivos propostos foram alcançados, já que foi observado, por meio da entrevista, que o docente insere práticas que trabalham a oralidade argumentativa no processo de ensino-aprendizagem da língua. Quanto ao livro didático, ele aborda na parte de produção textual gêneros textuais voltados para a argumentação, no entanto, exclusivamente na modalidade escrita. Apenas um capítulo aborda a modalidade oral.

Portanto, conclui-se que o atual material didático requer uma reformulação abrangente, a fim de incorporar os diversos letramentos presentes na sociedade. É imperativo que vá além da ênfase nos gêneros escritos no ensino e incorpore uma variedade de linguagens que o educador deve abordar no contexto escolar. Todas as formas de expressão linguística devem ser valorizadas e aplicadas, considerando que a língua está em constante evolução e diversificação a cada dia.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. **Programa Nacional de Livro Didático (PNLD):** mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. *Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 103, p. 250-270, jun. 2019.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Gêneros discursivos. In: **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, Marlice Vera Wolff; CAVALCANTE, Rivadavia Porto. **A construção da argumentação por meio do gênero textual resenha crítica no ensino médio integrado:** um estudo dos materiais norteadores. *Revista Sítio Novo*, v. 4, n. 1, p. 261-275, 2020.

BELARMINO, Annabell Santos. **Oralidade e argumentação**: análise de uma proposta de ensino por meio do gênero debate. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar**: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. In: ROJO, R.; RANGEL, E. (Org.). Explorando o ensino: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2010, p. 15-35.

BORGES, Rosilane Teles; VALE, Wilciene Nunes. **Oralidade e letramento nas práticas educativas**: uma proposta de sequência didática para os anos iniciais do ensino fundamental. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Formação de Professores e Práticas Educativas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Rio Verde, 2021.

BUENO, Luzia. **Gêneros orais**: elementos linguísticos e não linguísticos. São Paulo. Anais do I SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: USP, 2008.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 93, de 21 de dezembro de 1937, cria o Instituto Nacional do Livro e pelo Decreto Nº 91.542, de 19 de agosto de 1985 passou a ser o **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**.

Ministério da Educação/Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Disponível em: encurtador.com.br/kpuF7 Acesso em: 2 de out. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa**: tipos fundamentais. RAE. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GOMES, Rosivaldo; MENDES, Adelma das Neves Nunes Barros. **Transposição didática e didatização no campo da educação ambiental e os materiais didáticos impressos**. Letras Escreve, v. 7, n. 1, p. 317-348, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

LEITÃO, Selma. **Processos de construção do conhecimento**: a argumentação em foco. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 18, n. 3, p. 75–92, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643529>. Acesso em: 16 jun. 2024.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Itabuna – BA: Via Literarum Editora, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, Neusa Salim. **Educação da oralidade ou “Cala a boca não morreu”**. Revista da ANPOLL. São Paulo, nº. 18, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE-SP e SME-SP, 2004. Disponível em: Acesso em: 20 jun 2024.

SINISCALCHI, Cristiane; ORMUNDO, Wilton. **Se liga na língua**. Literatura, Produção de. Texto e Linguagem. 1ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação & Sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> ACESSO em: 17 jun. 2024.

SOARES, Magda. **O que é letramento**. Diário do Grande ABC, p. 3, ago. 2003. Disponível: . Acesso: 17 jun. 2024.

STORTO, Letícia Jovelina; BRAIT, Beth. **Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de Língua Portuguesa**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8656922> Acesso em 16 jun. 2024.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. **Gêneros orais – Conceituação e caracterização**. In: XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística. 2013, Uberlândia. Anais [...].EDUFU, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, p.VIII -18, 2001.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Flávia Ferreira e Moura.